

Etnografia e estudos linguísticos em ambientes on-line: pontos de contato

Ethnography and linguistic studies in online environments: points of contact

Ana Claudia Oliveira Azevedo¹
Márcia Helena de Melo Pereira²

Resumo: A incorporação das tecnologias digitais ao cotidiano dos sujeitos abriu lacunas nas pesquisas científicas que têm como base o estudo das ações e relações humanas, inclusive na linguística, ciência que estuda, por meio de perspectivas diversas, a língua e o seu uso pelos falantes. Diante disso, o objetivo deste artigo é discutir a adoção da perspectiva etnográfica em estudos linguísticos voltados especificamente às produções de linguagem que ocorrem em ambientes virtuais. Para isso, baseamo-nos nos pressupostos de Hine (2000) e Kozinets (2015), que abordam a etnografia em ambientes on-line, nomeando-a de etnografia virtual e netnografia, respectivamente. Além disso, fundamentamo-nos em linguistas como Marcuschi (2008, 2010), Xavier (2002, 2015) e Soares (2002), que discutem as produções de linguagem realizadas em ambiente digital. Com base nessa fundamentação, adotamos uma metodologia bibliográfica para discutir a abordagem da etnografia em pesquisas linguísticas realizadas em ambientes on-line. Por meio da observação desses trabalhos, constatamos que a etnografia pode subsidiar pesquisas linguísticas que visem ao aprofundamento em determinada comunidade on-line e em suas práticas de linguagem, o que contribui, ainda, para o desenvolvimento do letramento dos pesquisadores.

Palavras-chave: etnografia; etnografia virtual; Netnografia; linguística.

Abstract: Incorporating digital technologies into our daily lives has created gaps in research based on the study of human actions and relationships. One of these areas is linguistics, which studies language and its use by speakers, from different perspectives. Therefore, this article aims at discussing the adoption of ethnography in linguistic studies focused on language use in virtual environments. For this, we based on Hine's (2000) and Kozinets' (2015) approaches to ethnography in online environments, named, respectively, virtual ethnography and netnography. We also rely on linguists such as Marcuschi (2008, 2010), Xavier (2002, 2015), and Soares (2002), who study digital language productions. We adopted a bibliographic methodology to discuss the ethnographic approaches in linguistic research in online environments. By observing these works, we found that ethnography can subsidize linguistic research that deepens an online community and its language practices. We also noted that this process contributes to the researchers' literacy.

Keywords: ethnography; virtual ethnography; netnography; linguistics.

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória da Conquista, BA, Brasil. Endereço eletrônico: 98anaclaudia@gmail.com.

² Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória da Conquista, BA, Brasil. Endereço eletrônico: marciahelenad@yahoo.com.br.

Considerações iniciais

A incorporação de tecnologias digitais a nosso cotidiano tem ocorrido gradativamente ao longo das últimas décadas, principalmente com a popularização da internet e de dispositivos móveis, como o *smartphone*. Dentre as diversas funcionalidades desses aparelhos, destacamos a criação e a manutenção de redes sociais — conexões compartilhadas por sujeitos que fazem parte de um mesmo grupo — em ambiente digital, por meio de *sites* e aplicativos voltados para essa finalidade, nos quais diversos usos da(s) linguagem(ns) estão presentes.

Embora alguns autores, a exemplo de Xavier (2002, 2015), considerem as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) como agentes de mudanças radicais na sociedade, como aponta Hine (2000), é importante salientar que as transformações que ocorrem na sociedade não são causadas pela tecnologia em si, mas pelos seus usos pelos sujeitos e pelas suas compreensões sobre ela. Nessa perspectiva, Marcuschi (2008) defende que as mudanças que ocorrem na linguagem, principalmente em ambiente digital, também são consequência dos usos e ações dos sujeitos.

Considerando que, de acordo com linguistas como Marcuschi (2008), o uso da língua(gem) sempre se dá mediante textos, salientamos que essas interações, em meio digital, podem e devem ser investigadas pela ciência linguística. Foi nesse contexto que surgiu o conceito de hipertexto, usado para se referir ao “[...] texto da internet [...]” (XAVIER, 2015, p. 79), investigado por diversos linguistas brasileiros a partir da década de 2000. Vale salientar que, até hoje, não existe um consenso sobre a noção de hipertexto, de modo que alguns autores o veem como uma grande novidade, ao passo que outros o consideram uma mera continuidade do texto impresso/manuscrito, como discutem Azevedo, Guerra e Pereira (2021).

Com base nesses pressupostos, considerando que a ciência — nas mais diversas áreas — precisa acompanhar as mudanças sociais, é inegável a relevância de estudos que se voltem às tecnologias digitais — e, no caso da linguística, às produções de linguagem on-line. Além disso, Polivanov (2013) salienta que os ambientes virtuais estão sempre em transformação, o que torna necessárias constantes atualizações nas pesquisas — inclusive na linguística, salientamos. Ao reconhecer a importância dessas atualizações nos estudos linguísticos, Marcuschi (2010), em texto publicado, inicialmente, no começo da década de 2000, destaca que a análise etnográfica — baseada na antropologia — dos modos de interação virtual seria algo urgente e inexplorado. Tal afirmação coaduna com a perspectiva adotada por Hine (2000,

p. 4, tradução nossa³), segundo a qual “uma etnografia da internet pode observar em detalhes as maneiras como a tecnologia é experienciada em uso”, o que inclui os usos das linguagens.

Vale acrescentar que, desde o advento da internet, diversos pesquisadores do Brasil e de outros países, a exemplo de Hine (2000), Castro (2015) e Araujo (2006, 2007), têm adotado a metodologia e/ou a epistemologia etnográfica em suas análises, em áreas como a comunicação, a educação e a linguística. Segundo Polivanov (2013, p. 2), o viés etnográfico está presente desde “os primeiros trabalhos que se voltaram para o estudo de interações sociais na internet [...]”, o que mostra que não se trata de uma prática incomum nem incipiente.

A aplicação dos estudos etnográficos à internet fez com que surgissem novas terminologias, como *etnografia virtual* (HINE, 2000) e *netnografia* (KOZINETS, 2014), as quais são questionadas por outros pesquisadores, como Fragoso, Recuero e Amaral (2011) e Polivanov (2013), que problematizam a suposta diferença entre pesquisa etnográfica on-line e off-line. Um fenômeno parecido ocorre nos estudos linguísticos, em que há uma problematização de conceitos como *hipertexto*, *gênero digital* e *letramento digital*, visto que se trata de especificações usadas para abordar as produções de linguagem que ocorrem em ambiente digital.

Diante dessas considerações, o objetivo deste artigo é discutir a adoção da perspectiva etnográfica em estudos linguísticos voltados às produções de linguagem que ocorrem em ambientes on-line. Para isso, na seção a seguir, discutimos alguns princípios da etnografia, especialmente quando aplicada a comunidades virtuais. Em seguida, apresentamos alguns conceitos da linguística, voltados às produções de linguagem on-line, como hipertexto, gêneros emergentes/digitais e letramento digital. A partir disso, na seção subsequente, realizamos uma discussão sobre algumas pesquisas linguísticas que utilizam a abordagem etnográfica, a fim de compreender o funcionamento concreto dessa metodologia em trabalhos voltados ao estudo da linguagem. Por fim, apresentamos nossas considerações finais, ressaltando a pertinência da epistemologia e da metodologia etnográfica para a área da linguística.

A etnografia e(m) ambientes on-line: uma nova metodologia?

De acordo com Hine (2000), na etnografia, método criado na área de antropologia, os pesquisadores passam um longo período de tempo imersos no campo de pesquisa, com o intuito de participar da comunidade estudada e acompanhar suas relações, atividades e compreensões acerca da própria cultura. A etnografia, conforme Paiva (2019), tem como foco o estudo da

³ “An ethnography of the Internet can look in detail at the ways in which the technology is experienced in use” (HINE, 2000, p. 4).

cultura de um grupo de modo contextual, longitudinal, colaborativo, interpretativo e orgânico. Trata-se de uma maneira de “[...] ver por meio dos olhos dos participantes [...]” (HINE, 2000, p. 21, tradução nossa⁴) de determinada comunidade, de modo a compreender profundamente a sua cultura. Tais elementos, segundo Castro (2015), caracterizam-na como uma perspectiva êmica. Nesse sentido, como Paiva (2019) salienta, pesquisas etnográficas não partem de questões e hipóteses predefinidas, visto que a maioria das questões surge apenas quando se está em campo.

Polivanov (2013) destaca que o termo *etnografia* pode significar diferentes coisas, a depender de quem o adota. Trata-se de um conceito que pode ser compreendido tanto como método quanto como produto de uma pesquisa. Hine (2000) explica que o objetivo principal da etnografia é compreender como determinada cultura é organizada e experienciada, com base na (con)vivência dos/com os próprios participantes. Nesse contexto, o etnógrafo representa uma espécie de *meio termo* entre um nativo e um estrangeiro, já que o pesquisador se torna, até certo ponto, um participante daquela comunidade⁵, apesar do estranhamento causado pela situação de investigação. Paiva (2019, p. 81) aponta que “ele [o etnógrafo] é, ao mesmo tempo, um observador e um participante da comunidade, pois está sempre em interação com [...] a comunidade pesquisada [...]”.

Dito isso, Hine (2000) ressalta que a maneira como a internet é usada hoje é resultado de questões históricas, culturais, situacionais e metafóricas, uma vez que os significados da tecnologia variam a depender do contexto, o que torna necessário um estudo mais aprofundado do ambiente da internet, como já comentamos na introdução. Com base nisso, Hine (2000) explora o uso da perspectiva etnográfica no estudo do uso da internet, considerando que ela é um recurso apropriado para estudar o que as pessoas de fato fazem na/com a tecnologia e, além disso, por que (em seus termos) elas fazem aquilo.

De acordo com Hine (2000, p. 54, tradução nossa⁶, grifos nossos), “[...] um etnógrafo da internet não pode esperar compreender as práticas de todos os usuários, mas, por meio de suas próprias práticas, pode desenvolver *uma compreensão sobre o que é ser um usuário*”. Nessa perspectiva, o etnógrafo aprende por meio da mesma mídia usada pelos sujeitos

⁴ “Ethnography is a way of seeing through participants' eyes” (HINE, 2000, p. 21).

⁵ Dentre várias acepções de *comunidade*, apresentamos a de Marcuschi (2011, p. 26, grifos do autor), que a define como “[...] uma coleção de membros com relacionamentos interpessoais de confiança e reciprocidade, partilha de valores e práticas sociais com produção, distribuição e uso de bens coletivos em um sistema de relações duradouras”. Tal conceito está relacionado ao de *redes sociais*, que são, segundo Kozinets (2014, p. 53), “um grupo de pessoas, conectadas por determinadas relações sociais, tais como parentesco, amizade, trabalho conjunto, hobby compartilhado ou interesse comum, ou intercambiando qualquer tipo de informação [...]”.

⁶ “[...] an ethnographer of the Internet cannot hope to understand the practices of all users, but through their own practices can develop an understanding of what it is to be a user” (HINE, 2000, p. 54).

pesquisados, o que lhe permite ter experiências muito próximas às desses sujeitos, os quais, vale ressaltar, nem sempre utilizam a mídia conforme as expectativas de seus criadores⁷ (HINE, 2000). Assim, considerando que a etnografia sempre foi adaptativa às condições nas quais se encontra — o que a mantém viva, contextual e relevante —, a autora destaca que a adoção da etnografia nos ambientes on-line exige que a metodologia seja reexaminada. É com base nesse ponto de vista que surgem conceitos como *etnografia virtual* e *netnografia*, os quais se referem à adaptação da pesquisa etnográfica à complexidade da internet.

No livro *Virtual ethnography*, Christine Hine (2000) apresenta uma metodologia para investigação da internet, a partir de uma exploração baseada nos usos da rede e nas compreensões sobre ela, de modo a observar — empiricamente e com detalhes — a experiência complexa de uso da tecnologia. Trata-se, então, de um texto focado na metodologia de estudo da internet, que discute procedimentos da abordagem da etnografia virtual. Robert Kozinets (2014), por sua vez, no livro *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*, também aborda o estudo de comunidades da internet e sugere uma adaptação dos métodos etnográficos ao ambiente on-line. Apesar da diferença terminológica⁸, ambas as obras se referem, basicamente, à mesma questão: a pesquisa de campo na internet, que seria, para esses autores, essencialmente diferente da etnografia em ambientes off-line.

Hine (2000), ao utilizar o termo *etnografia virtual*, defende que a internet pode ser vista como cultura (isto é, como um espaço diferente do off-line: um ciberespaço) ou como artefato cultural (um produto da cultura produzido em um contexto específico, de modo que pode haver uma integração entre ambientes on-line e off-line). Nesta última acepção, “coloca-se a ênfase nos diversos usos e apropriações que os atores sociais fazem da internet, entendendo-a como um artefato com significados culturais diversos” (POLIVANOV, 2013, p. 3). Polivanov (2013) acrescenta que há, ainda, uma terceira perspectiva, comentada por Fragoso, Recuero e Amaral (2011), segundo a qual a internet seria uma *tecnologia midiática* que gera práticas sociais.

A partir disso, Hine (2000) ressalta que, diferentemente da etnografia propriamente dita, a etnografia virtual não envolve presença física e contato face a face. Portanto, apesar de o ambiente físico não ser partilhado, compartilham-se experiências e relações. Nesse sentido,

⁷ Um exemplo disso é a rede social *Twitter*, que foi criada, em 2006, com o intuito de ser um serviço de atualização de *status* via SMS, mas apresenta, hoje, diversos propósitos, dentre os quais Azevedo (2022) destaca a abordagem de objetos de ensino-aprendizagem.

⁸ De acordo com Polivanov (2013), o termo *etnografia virtual* é mais comum entre os pesquisadores da área de comunicação, enquanto *netnografia* é mais usado por pesquisadores da área do *marketing* digital. Ambos os conceitos não são, portanto, originados na área da linguística.

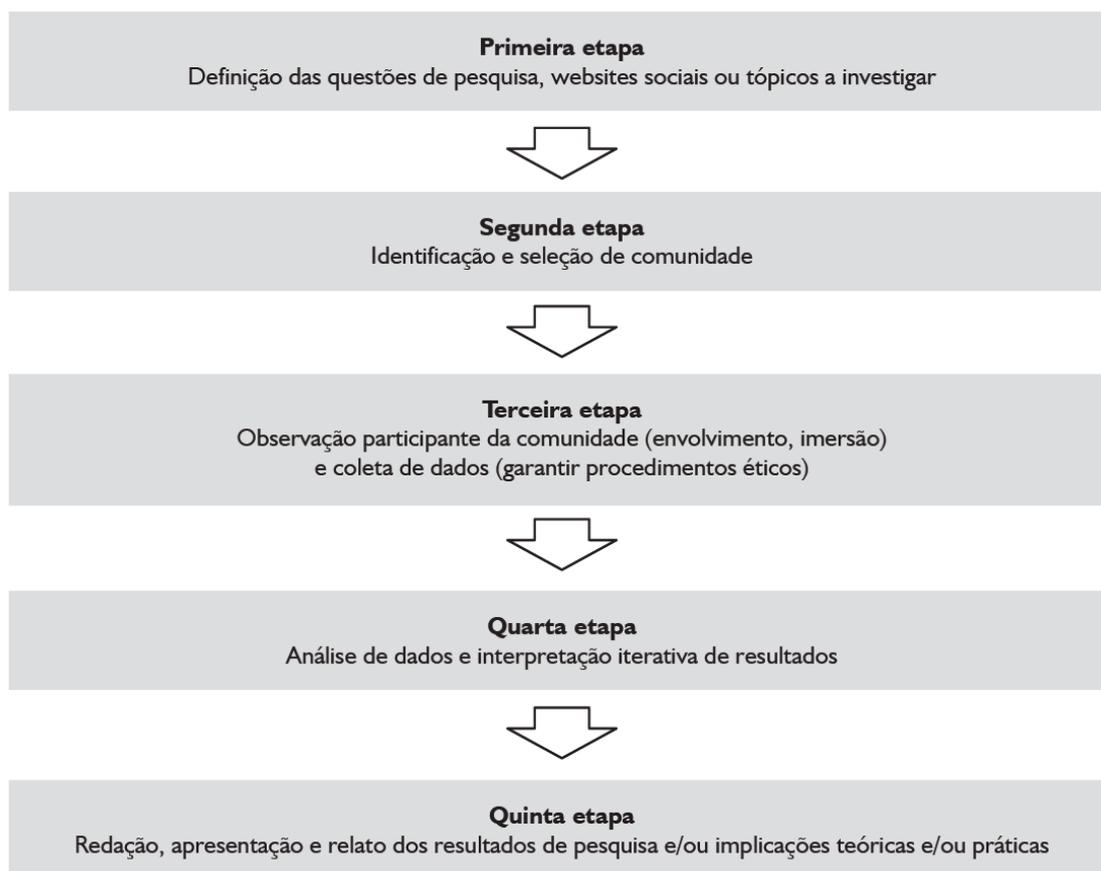
[...] o termo comunidade parece adequado se for usado em seu sentido mais fundamental para referir-se a um grupo de pessoas que compartilham de interação social, laços sociais e um formato, localização ou “espaço” interacional comum, ainda que, nesse caso, um “ciberespaço” virtual ou mediado pelo computador (KOZINETS, 2014, p. 16-17).

Para Kozinets (2014), a diferença significativa entre as experiências sociais on-line e off-line tornaria necessária a sua especificação, já que, para ele, a experiência de etnografia muda quando se trata do ambiente on-line. Com base nisso, o autor define a netnografia como “[...] pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo online. Ela usa comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural ou comunal” (KOZINETS, 2014, p. 61-62). Acrescentamos que, na atualidade, tais interações não ocorrem apenas por meio de um computador, mas também de outros aparelhos conectados à internet, como *smartphones*, *tablets*, *smartwatches* etc.

Kozinets (2014) apresenta, ainda, uma distinção entre pesquisa em comunidades on-line e pesquisa on-line em comunidades. No primeiro caso, a netnografia é a metodologia primordial, uma vez que o foco da investigação é compreender o funcionamento de uma comunidade situada no ambiente on-line. No segundo caso, por outro lado, a netnografia é uma metodologia secundária, visto que o foco é observar a comunidade como um todo, de modo que o ambiente on-line é apenas parte das atividades daquele grupo.

Dadas essas considerações, Kozinets (2014, p. 62) apresenta as seguintes etapas para a realização de uma pesquisa netnográfica: “planejamento do estudo, entrada, coleta de dados, interpretação, garantia de padrões éticos e representação da pesquisa”. Tais passos estão representados na figura 1, a seguir.

Figura 1 - Fluxograma simplificado de um projeto de pesquisa netnográfica



Fonte: Kozinets (2014, p. 63).

Em relação às duas primeiras etapas — *definição das questões de pesquisa, websites sociais ou tópicos a investigar e identificação e seleção de comunidade* —, Kozinets (2014, p. 85) comenta que “o website ou websites do campo do trabalho netnográfico devem combinar seu foco de pesquisa com as questões que você quer investigar”. Por isso, as comunidades on-line observadas na netnografia precisam ser relevantes, ativas, interativas, substanciais, heterogêneas e ricas em dados.

No que concerne à terceira etapa, correspondente à *observação participante da comunidade e coleta de dados*, Kozinets (2014) destaca que a observação é de grande importância para a pesquisa netnográfica, tendo em vista a necessidade de preparação para o primeiro contato com a comunidade, momento no qual o pesquisador já deve agir como um novo membro. Assim, o autor salienta que a essência da netnografia, que a diferencia de uma mera coleta de dados on-line qualitativos, está no fato de ela ser uma abordagem *participativa*. Nesse sentido, segundo o pesquisador, limitar-se à mera observação, sem que o papel participativo seja exercido pelo etnógrafo, significa “[...] retirar a oportunidade de experimentar uma compreensão cultural embutida” (KOZINETTS, 2014, p. 75).

Polivanov (2013) comenta a respeito dos diferentes graus de participação do pesquisador na investigação etnográfica, destacando dois tipos: o *lurker* e o *insider*. O primeiro conceito se refere ao pesquisador que apenas observa, interferindo minimamente no contexto observado, ao passo que o segundo diz respeito ao pesquisador que “[...] está inserido no ou tem ligações próximas com o objeto de estudo e, portanto, seu comportamento dificilmente poderia ser o de alguém que apenas observa o grupo” (KOZINETTS, 2014, p. 5). A autora assevera que há dúvidas sobre a efetividade da prática do pesquisador *lurker* — mais *fácil* de ser realizada on-line, já que nem sempre sua presença é notada —, uma vez que, para alguns pesquisadores, a participação ativa é essencial para caracterizar um trabalho como etnográfico.

Nessa perspectiva, segundo Hine (2000), a necessidade de compartilhar experiências com o grupo observado ressalta a primordialidade de participar, de fato, da comunidade, para que haja uma compreensão baseada na experiência. Ou seja, “o etnógrafo não é simplesmente um *voyeur* ou um observador desengajado, mas é também, em certa medida, um participante, compartilhando algumas das preocupações, emoções e compromissos dos sujeitos de pesquisa” (HINE, 2000, p. 47, tradução nossa⁹). Portanto, a participação dos pesquisadores de etnografia virtual/netnografia deve ser ativa e contribuir para os membros da comunidade. Caso isso não ocorra, não há etnografia.

Posto isso, é importante acrescentar que Polivanov (2013) problematiza o uso de expressões como *etnografia virtual* e *netnografia* para diferenciar estudos de campo on-line e off-line. A autora reconhece que “[...] os ambientes digitais têm características próprias, têm gramáticas e linguagens próprias que não podem ser perdidas de vista” (POLIVANOV, 2013, p. 6), o que, para alguns pesquisadores, justificaria o uso de termos com especificações que a diferenciem da etnografia *pura*. Por outro lado,

[...] por entenderem que não deva haver uma dicotomia entre os estudos sobre práticas e valores sociais construídos dentro e fora do ambiente da internet, Fragoso, Amaral e Recuero (2011) propõem que o termo “etnografia” seja utilizado em detrimento de outros que buscam essa suposta atualização do método etnográfico para as ciberculturas (POLIVANOV, 2013, p. 12).

Há, ainda, segundo a autora, cientistas mais conservadores, que afirmam que uma etnografia *verdadeira* não poderia ocorrer no ciberespaço, já que ele não proporciona aspectos considerados essenciais para essa metodologia, a exemplo do deslocamento físico e do estranhamento.

⁹ “The ethnographer is not simply a voyeur or a disengaged observer, but is also to some extent a participant, sharing some of the concerns, emotions and commitments of the research subjects” (HINE, 2000, p. 47).

Diante de todas essas considerações, Polivanov (2013) ressalta que o mais importante, independentemente do termo usado, é entender a importância da etnografia para a compreensão dos espaços sociais presentes na internet, os quais têm relação com os padrões culturais dos sujeitos em interação. Desse modo, compreendemos a etnografia como um importante recurso para o estudo de interações em ambientes on-line, o que inclui, conseqüentemente, os estudos da linguagem e o desenvolvimento do(s) letramento(s) dos pesquisadores. Como salienta Kozinets (2014), ao mesmo tempo em que os próprios pesquisadores têm a experiência de fazer parte daquela comunidade, eles desenvolvem as habilidades de navegar na internet. Com base nisso, pressupomos que o letramento digital dos pesquisadores é aprimorado durante o trabalho de etnografia virtual/netnografia, dado que eles desenvolvem habilidades relacionadas ao uso dos hipertextos, que materializam gêneros digitais/emergentes. Na seção a seguir, expomos alguns conceitos da linguística relacionados às práticas de linguagem on-line.

Os estudos linguísticos em ambiente on-line: novos objetos de pesquisa?

Um dos conceitos mais caros à linguística é o conceito de *texto*, explorado, principalmente, na subárea de linguística textual e, além disso, na linguística aplicada. Conforme Marcuschi (2008), os usos da língua pelos sujeitos, nas mais diversas práticas sociais, ocorrem sempre por meio de textos. Antes de apresentarmos o(s) conceito(s) de texto, convém mencionar de que maneira compreendemos as noções de língua e de sujeito. De acordo com Marcuschi (2008), a língua é uma forma de ação social que se caracteriza por ser heterogênea, histórica, cognitiva, indeterminada, variável, interativa e situada. Ou seja, a língua varia a depender das situações de comunicação e, também, da posição socio-histórica dos sujeitos que a utilizam. Nessa perspectiva, baseada nos postulados bakhtinianos, salientamos que os sujeitos se situam socio-historicamente e têm um papel ativo no uso da língua, contribuindo para sua constante transformação.

Assim, para Marcuschi (2008), o texto consiste em um evento processual que ocorre em coprodução com outros interlocutores, dado que a língua é dialógica. Costa Val (2004, p. 1), por sua vez, apresenta uma definição mais específica de texto, conceituando-o como “[...] qualquer produção linguística, falada ou escrita, de qualquer tamanho, que possa fazer sentido numa situação de comunicação humana, isto é, numa situação de interlocução”. Assim, para ambos os autores, o texto, enquanto materialização linguística, é a unidade básica de comunicação e produz sentidos a partir do próprio uso da língua pelos sujeitos inseridos em um contexto específico. Ou seja, os ambientes estudados pela etnografia são permeados de textos,

os quais se organizam em diferentes *gêneros textuais*, cuja função é estabilizar relativamente as práticas de linguagem (MARCUSCHI, 2008).

Considerando que os gêneros textuais estão localizados socio-historicamente, Marcuschi (2010) destaca a sua alta dinamicidade, dado que eles se atualizam constantemente. Desse modo, as mudanças sociais são sempre acompanhadas de mudanças na linguagem e, conseqüentemente, nos gêneros e em sua materialização em forma de textos. Nesse contexto, ressaltamos que a *web 2.0*, responsável pelo surgimento de aplicativos e *sites* de redes sociais — que permitem a produção textual por qualquer usuário com acesso à internet —, causou o surgimento de novos gêneros, chamados de *gêneros digitais* ou *gêneros emergentes*, termos que representam uma particularização da noção de gênero textual, assim como ocorre com os conceitos de *etnografia virtual* e *netnografia*.

Marcuschi (2008, 2010) rotula os gêneros que surgem com a internet como gêneros emergentes e os considera como gêneros distintos dos que ocorrem em ambiente off-line, embora conservem e reelaborem muitas de suas características. Diante disso, Marcuschi (2010, p. 17) lista brevemente alguns gêneros emergentes a partir de observações que ele rotula como sendo “[...] de caráter etnográfico”. Foi com base nesses mesmos pressupostos que surgiu o conceito de *hipertexto*, usado amplamente nas pesquisas linguísticas brasileiras a partir da década de 2000, especialmente após a tese de doutorado de Xavier (2002). Para o linguista, o texto produzido no computador representaria uma grande inovação tecnológica, chegando a criar um novo modo de enunciação: o digital.

No entanto, assim como as especificações direcionadas à etnografia, não há um consenso entre os linguistas sobre a necessidade de particularizar as produções de linguagem realizadas na internet a ponto de se criar um novo conceito para elas. Logo, conforme Azevedo, Guerra e Pereira (2021), há perspectivas que defendem o hipertexto (isto é, o texto que é publicado e/ou circula na internet) como uma mera continuidade do texto impresso, ao passo que outras consideram relevante fazer uma diferenciação. Há, ainda, a perspectiva de Xavier (2002, 2015), que o considera como uma grande revolução na linguagem, diferente de tudo o que já foi produzido antes.

Com base nessa falta de consenso, Azevedo, Guerra e Pereira (2021) realizam a análise de dois hipertextos — um *post* de *Facebook* e um *tweet* — e constataam que determinadas características, como a ubiquidade e a virtualidade, tornam o hipertexto algo particular em relação aos textos off-line. Devido a isso, a possibilidade de utilizar múltiplas linguagens em uma mesma produção é ampliada no texto da internet, caracterizado, também, por aspectos como os *links* e a sua própria ubiquidade. Vale ressaltar que tudo isso está relacionado ao papel

ativo dos sujeitos que utilizam a linguagem, visto que são eles que transformam as práticas sociais que ocorrem em ambientes digitais. Do mesmo modo, como já mencionamos, ao se pensar em uma pesquisa etnográfica, é imprescindível que o pesquisador assuma um papel ativo na interação com outros membros da comunidade na qual se insere.

Salientamos, assim, que, para Marcuschi (2010, p. 25), as comunidades virtuais, formadas por “pessoas com interesses comuns ou que agem com interesses comuns em um dado momento, formando uma rede de relações virtuais (ciberespaciais)” representam “[...] um novo foco para reflexão; não necessariamente um novo objeto linguístico, mas uma nova forma de uso da língua enquanto prática interativa” (MARCUSCHI, 2010, p. 24). Essas novas práticas levam à especificação do conceito de *letramento*, nomeado como *letramento digital* quando se refere aos usos da língua em ambiente on-line.

Soares (2002) define letramento como “o estado ou condição de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e de escrita, participam competentemente de eventos de letramento” (SOARES, 2002, p. 145). Esse conceito surgiu, inicialmente, para diferenciar a alfabetização — mera decodificação de elementos escritos — do domínio de conhecimentos linguísticos relacionados à adequação às situações sociocomunicativas. Hoje, conforme Azevedo (2022) destaca, compreendemos os letramentos como o domínio de gêneros diversos, os quais servem a propósitos comunicativos distintos.

Considerando a participação dos sujeitos em múltiplas práticas sociais, Soares (2002, p. 156, grifos da autora) sugere que se utilize o plural *letramentos*, de modo a

[...] enfatizar a idéia de que diferentes tecnologias de escrita geram diferentes *estados* ou condições naqueles que fazem uso dessas tecnologias, em suas práticas de leitura e de escrita: diferentes *espaços de escrita* e diferentes *mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita* resultam em diferentes *letramentos*. [...] letramento é fenômeno plural, historicamente e contemporaneamente: diferentes letramentos ao longo do tempo, diferentes letramentos no nosso tempo.

Diante disso, Soares (2002) postula que as novas práticas de leitura e escrita que surgiram a partir das novas tecnologias demandam um refinamento do conceito de letramentos, o que leva à criação da noção de *letramento digital*. O letramento digital é conceituado pela linguista como “[...] um certo *estado* ou *condição* que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do *estado* ou *condição* – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel” (SOARES,

2002, p. 151, grifos da autora). Tal definição mostra que a especificação do conceito de letramento(s) visa a contemplar as práticas de linguagem exercidas nas novas tecnologias. Dessa maneira, o letramento digital consistiria no domínio dos gêneros que circulam em ambiente on-line.

Podemos relacionar o letramento digital à experiência de etnografia, uma vez que, como atestam Hine (2000) e Kozinets (2014), o processo de etnografia virtual/netonografia leva o pesquisador a desenvolver uma compreensão acerca do funcionamento do ambiente on-line e das ações sociais que ocorrem nele, o que, como já mencionamos, se dá por meio da linguagem. Nesse sentido, acrescentamos que Marcuschi (2010) destaca que a ciência linguística precisa se reinventar para dar conta das produções de linguagem proporcionadas pelas tecnologias digitais, o que inclui, além da criação de conceitos específicos como os mostrados anteriormente, “[...] uma nova descrição etnográfica dos tipos de eventos analisados” (MARCUSCHI, 2010, p. 79). Com base nisso, apresentamos, na seção a seguir, algumas pesquisas linguísticas que utilizam a abordagem etnográfica, a fim de discutir o uso dessa epistemologia/metodologia em estudos da linguagem.

A prática de etnografia em ambientes on-line: comentando pesquisas linguísticas

Considerando que, conforme Marcuschi (2010, p. 17), “[...] uma etnografia da internet é de grande relevância para entender os hábitos sociais e linguísticos das novas ‘tribos’ da imensa rede mundial, que vêm se avolumando e diversificando a cada dia”, comentamos, a seguir, sobre algumas pesquisas que adotaram essa perspectiva para investigar a linguagem usada em ambientes digitais. Adotamos, portanto, uma metodologia bibliográfica neste trabalho. Devido à limitação de espaço, selecionamos, especialmente, os trabalhos de Araujo (2006, 2007) e Castro (2015) e, além disso, comentamos brevemente sobre o nosso trabalho de mestrado (AZEVEDO, 2022). Nosso foco, neste momento, será apresentar, com base nessa bibliografia, uma revisão das discussões realizadas pelos autores acerca da perspectiva etnográfica adotada para o estudo de práticas de linguagem on-line, com destaque para observações de ordem metodológica.

Em sua tese de doutorado, Araujo (2006) investiga o fenômeno de constelação de gêneros *chat*, que consiste no fato de existirem diversos *chats*, voltados para diferentes propósitos e, conseqüentemente, diferentes funções sociais. Em sua pesquisa, Araujo (2006) elenca os gêneros *chat* aberto, *chat* educacional, *chat* com convidado, *chat* reservado, *chat* personalizado, *chat* privado e *chat* de atendimento ao assinante como componentes da constelação de *chats*. Para realizar a investigação desses diversos gêneros, o linguista adota

uma metodologia etnográfica durante três anos, fazendo observações participantes em diversas salas de *chat*, além de, posteriormente, entrevistar alguns sujeitos. Nos termos de Kozinets (2014), tal investigação pode ser classificada como uma pesquisa on-line em comunidades, dado que se trata de grupos que se situam no ambiente digital.

Ao abordar a perspectiva etnográfica, Araujo (2006) destaca dois momentos na atividade de pesquisa: o primeiro deles é a compreensão do sujeito dentro de seu contexto, o que demanda a imersão no ambiente e a aproximação da comunidade pesquisada; e o segundo é o momento de escrita do relatório, que exige, por sua vez, distanciamento desse contexto. Em outras palavras, “fazer etnografia não significa confundir o papel de pesquisador com o papel dos sujeitos da pesquisa, mas fundi-los durante a observação para separá-los durante a elaboração do texto relatante” (ARAUJO, 2006, p. 131). Tal ponto de vista condiz com a afirmação de Polivanov (2013) de que a etnografia é, ao mesmo tempo, processo de realização de uma pesquisa e produto dessa investigação. Dessa maneira, a entrada de Araujo (2006) nas salas de *chat* representa o processo de aproximação das comunidades on-line, ao passo que a tese escrita é o produto da pesquisa.

Araujo (2006) destaca que o contexto é essencial para a construção de sentido dos dados produzidos durante uma etnografia, os quais precisam ser descritos e interpretados. Nesse sentido, o pesquisador relaciona o conceito de *contexto* da etnografia ao conceito bakhtiniano de *esfera da atividade humana*, visto que, para Bakhtin, “[...] o observador deve enxergar o objeto semiotizado à luz dos sujeitos que o manipulam e enquanto interagem durante o processo de construção dos dados” (ARAUJO, 2006, p. 130). Da mesma maneira, os postulados da etnografia destacam a necessidade de que o pesquisador se insira, de fato, na comunidade pesquisada, a fim de compreender as ações dos sujeitos que dela fazem parte. Nesse sentido, destacamos que, conforme Hine (2000) e Kozinets (2014), é necessária uma observação participante para que os propósitos da etnografia virtual ou netnografia sejam de fato efetivados.

Diante disso, o relato de pesquisa de Araujo (2006) demonstra uma verdadeira imersão no contexto de produção de seus dados, o que inclui tanto as interações com os grupos formados nos *chats* quanto o trato com o hipertexto e os aspectos que o caracterizam. O linguista ressalta que os três anos durante os quais realizou observações participantes nos *chats* foram de grande ajuda para que ele compreendesse melhor as práticas discursivas dos bate-papos. Isso comprova que a realização de uma pesquisa etnográfica na internet contribui para o desenvolvimento do letramento digital do pesquisador, que passa a compreender o funcionamento das práticas de linguagem que ocorrem naquele ambiente específico e, com isso, aprende a se (re)adequar às exigências daquele gênero em uma comunidade em particular.

Essa (re)adequação é comentada com detalhes por Araujo (2007), em um capítulo de livro no qual ele aborda especificamente o uso de *nicknames* (apelidos) em uma sala específica de *chat* durante sua experiência etnográfica. A metodologia utilizada para a imersão nesse grupo em particular consistiu na observação participante de encontros on-line realizados ao longo de oito domingos (dias nos quais havia maior expressividade de membros) pela comunidade nomeada de *Tananans*. Posteriormente, segundo o pesquisador, houve dois encontros off-line com o grupo, a fim de pedir autorização para a realização da pesquisa.

Em seu relato, Araujo (2007) explica que, inicialmente, após compreender que havia determinadas regras para a grafia dos *nicknames*, adotou o apelido *NAUM* — em alusão à forma como a palavra *não* era geralmente escrita pelos membros do grupo —, a fim de tentar ser aceito. Entretanto, conforme o pesquisador comenta, essa aceitação ocorreu aos poucos e só foi *oficializada* quando um dos membros mais antigos do grupo o batizou de “Ø ©;ëñt;št@”, o que demonstra, também, uma hierarquia dentro da comunidade investigada, já que são os membros mais antigos que decidem se alguém está integrado à comunidade ou não. Araujo (2007) expõe, ainda, que, após esse *batismo*, trocou seu apelido para *O CIENTISTA* e foi repreendido por alguns membros do grupo, que explicaram que seria necessário *vestir a roupinha* no *nickname*, ou seja, as regras daquela comunidade exigiam que os apelidos fossem apresentados por meio de caracteres especiais.

Com isso, o autor conclui que “[...] a troca de apelido do pesquisador reflete o cunho etnográfico que se procurou conferir à investigação” (ARAUJO, 2007, p. 200), de modo que houve uma necessidade de o pesquisador *vestir* uma nova identidade, para que, assim, fosse aceito pelo grupo dos *Tananans*. O uso de tais caracteres está relacionado ao letramento necessário para lidar com práticas de linguagem específicas do ambiente virtual ou, ainda, daquele grupo em particular. Essa constatação mostra que a etnografia pode auxiliar na compreensão das práticas de linguagem específicas de uma comunidade on-line e, conseqüentemente, desenvolver o letramento dos sujeitos que se inserem nela.

É importante ressaltar que, além da compreensão do funcionamento das comunidades investigadas, o processo de pesquisa etnográfica também gera o entendimento sobre questões da própria metodologia. Nessa perspectiva, um aspecto interessante comentado por Araujo (2006) é o fato de ele perceber a necessidade de salvar o banco de dados de *chats* em um documento do *Word*, considerando “a volatilidade que marca os gêneros hipertextuais, obrigando os pesquisadores a criarem artefatos para armazenar os dados” (ARAUJO, 2006, p. 139). Além disso, o pesquisador também constatou a necessidade de realizar entrevistas com

os sujeitos participantes das salas de bate-papo, para ter uma compreensão mais aprofundada de suas práticas de linguagem nos *chats*.

Castro (2015, p. 26), por sua vez, investigou a comunidade formada pelo grupo *Texto Livre*, da UFMG, a qual, segundo o autor, “[...] reúne grupos que mantêm relação interativa pautada em engajamento e comprometimento mútuos, em busca de objetivos comuns”. Trata-se de uma pesquisa on-line em comunidade, nos termos de Kozinets (2014), uma vez que o grupo investigado existe fora do ambiente digital, mas também está presente dentro dele. Assim como Araujo (2006), a pesquisa etnográfica de Castro (2015) durou três anos, período durante o qual o *Texto Livre* se dividiu em subgrupos, que são considerados pelo pesquisador como comunidades, dado que se voltam para os mesmos objetivos. Desse modo, o pesquisador seleciona, para a sua pesquisa, os seguintes subgrupos: a disciplina *Oficina de leitura e produção de textos*, o congresso online *EVIDOSOL/CILTEC (Encontro Virtual de Documentação em Software Livre/Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Livre)* e a revista científica *Texto Livre: Linguagem e Tecnologia*.

Ao apontar que “[...] o fazer etnográfico conta com sua própria lógica de investigação [...]” (CASTRO, 2015, p. 75), o autor reconhece que, em um trabalho etnográfico, cada escolha faz parte de um caminho a ser seguido durante o processo de pesquisa, o que leva à promoção do conhecimento sobre as relações sociais das comunidades observadas. Assim, o pesquisador compreende a etnografia enquanto epistemologia e enquanto metodologia. Castro (2015, p. 72) explica que “a etnografia se mostra como epistemologia a ser seguida por esta pesquisa, porque se preocupa com o contexto, com as condições históricas, as interações, as práticas sociais e assim por diante [...]”. Essa perspectiva dialoga com a proposta de Marcuschi (2010) para o estudo das práticas de linguagem on-line, as quais, assim como qualquer outra atividade comunicativa, estão situadas socio-historicamente dentro de um dado contexto.

Nesse sentido, Castro (2015) destaca que a língua é primordial para a etnografia, já que a construção da cultura ocorre por meio da língua. Assim, ao considerar a etnografia como “[...] tradução da cultura [...]” (CASTRO, 2015, p. 76), o autor lança mão do conceito de *línguacultura*, essencial, segundo ele, para a busca de significados realizada na etnografia, que perpassa por questões de como os membros de uma comunidade nomeiam seu mundo e o categorizam. Desse modo, para realizar a descrição das culturas da comunidade analisada — o grupo *Texto Livre* —, Castro (2015, p. 90) assume que “os principais elementos para tal são os ‘padrões’, as ‘ações’ e as ‘interações’ de seus membros, que fornecerão material para se identificar os significados do grupo, como um membro do próprio grupo, ou [...] a partir de uma posição êmica”. Tal posição, que consiste na descrição das práticas do grupo a partir da

ótica de seus membros, permite ao etnógrafo a explicação e a nomeação das suas práticas por meio do uso de termos próprios da comunidade. Esse fator, assim como o uso dos apelidos na pesquisa de Araujo (2007), pode ser relacionado ao letramento, uma vez que as práticas de linguagem de cada grupo apresentam elementos particulares.

Tudo isso, conforme o autor, faz com que a etnografia seja vista para além das prescrições metodológicas. Nesse sentido, ele salienta que, muitas vezes, os resultados encontrados vão além das expectativas, uma vez que não se trabalha com hipóteses pré-definidas, como já mencionamos. Assim, a partir da interação, da cooperação e do olhar atento às práticas dos sujeitos observados — ações que fazem parte do processo etnográfico —, o pesquisador é guiado para os caminhos apontados pela investigação e, assim consegue observar os padrões presentes no grupo.

Os instrumentos utilizados por Castro (2015) para a análise do grupo Texto Livre consistem em registros de três anos de interações de um dos subgrupos, e-mails dos outros dois subgrupos, dois artigos com relatos de práticas e, ainda, entrevista com quatro membros do Texto Livre. A adição posterior de entrevistas, segundo o pesquisador, pode ser explicada pelo fato de ele ter adotado a lógica abdução recursiva, a qual permite o acréscimo de outros dados conforme as necessidades demonstradas ao longo da pesquisa, devido à perspectiva êmica. Ou seja, a vivência na comunidade mostra quais são os próximos passos que devem ser seguidos. Portanto, os instrumentos foram mobilizados em busca “[...] de mais informações sobre questões diversas que envolviam os objetivos desta pesquisa, como um ponto relevante nas diferenças de gêneros textuais nas apresentações do evento online” (CASTRO, 2015, p. 133).

Castro (2015) observa, ainda, uma diferença entre dados digitais e não digitais. Estes, conforme o autor, são coletados pelo pesquisador por meio de vídeo e/ou áudio, que fornecem mais informações a respeito do contexto e de outros elementos, como a linguagem corporal. Aqueles, em contrapartida, apresentam mais limitações em relação ao contexto, dado que se baseiam unicamente no texto verbal, o que demanda maior quantidade e qualidade dos dados que configuram os contextos. Nesse sentido, vale ressaltar que, conforme Kozinets (2014, p. 109), “a comunidade online pode se manifestar pelo uso de meios textuais, mas ela definitivamente não é apenas seus textos”. Apesar disso, Castro (2015, p. 120) destaca as vantagens dos dados digitais, relacionadas a “[...] deslocamentos, mobilização de participantes, notações de campo, disponibilidade de tempo, entre outros”.

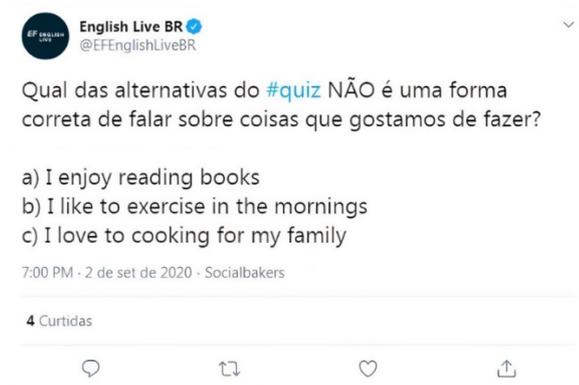
Dentre as semelhanças encontradas nas pesquisas de Araujo (2006) e de Castro (2015), salientamos o longo período de imersão nas comunidades — 3 anos — e uma opção posterior por entrevistas, como forma de complementar os dados produzidos ao longo da etnografia.

Nesse sentido, ressaltamos que, conforme Kozinets (2014, p. 49), apesar de a entrevista online ser o principal elemento de pesquisa netnográfica, é “[...] possível conduzir uma netnografia exclusivamente observacional”; no entanto, geralmente, há uma demanda por entrevistas. Foi exatamente isso que ocorreu em ambas as pesquisas, que, apesar de serem do tipo *insider*, isto é, apresentarem participação ativa nas comunidades, ainda necessitaram de um outro instrumento: a entrevista, elemento básico da etnografia desde o seu surgimento.

Para finalizar nossa discussão sobre a adoção da perspectiva etnográfica em estudos da linguagem, mencionamos nossa própria experiência durante uma pesquisa de mestrado realizada entre os anos de 2020 e 2022, cujo objetivo geral era “investigar o fenômeno de reelaboração de gêneros e as estratégias de (hiper)textualização utilizadas em *tweets* que abordam assuntos das áreas de Linguagens e Matemática” (AZEVEDO, 2022, p. 20). Para isso, criamos uma conta no *site/aplicativo* de rede social *Twitter*, a fim de seguir perfis voltados à exposição de objetos de ensino-aprendizagem e observar os *tweets* publicados por eles, visando à inserção no ambiente de pesquisa.

Constatamos que essas duas primeiras etapas metodológicas — criação de uma conta no *Twitter* e observação de outros perfis — apresentam traços da metodologia conhecida como etnografia virtual (HINE, 2000) ou netnografia (KOZINETS, 2014), que adapta a pesquisa etnográfica à complexidade da internet. Apesar de apresentar esses traços de etnografia, nossa pesquisa não a adota como orientação metodológica, uma vez que não apresenta a essência da metodologia etnográfica: a participação ativa em uma comunidade, a qual permitiria a realização não apenas de observações, mas também de entrevistas e análise iterativa dos dados. Com isso, restringimo-nos à pura observação, que possibilitou a coleta de dados como o *tweet* apresentado a seguir.

Figura 2 - *Tweet* do banco de dados de Azevedo (2022)



Fonte: *Twitter*¹⁰.

¹⁰ Disponível em: <https://twitter.com/EFLiveBR/status/1301278736126324736>. Acesso em: 3 set. 2020.

Com base no *tweet* acima — o qual apresenta um *quiz* relacionado à língua inglesa, que integra a área de conhecimento de Linguagens —, ressaltamos que, caso Azevedo (2022) tivesse seguido todos os passos da metodologia etnográfica, haveria maior participação da pesquisadora no que diz respeito à interação por meio do *Twitter*. Assim, algumas ações adicionais, como a resposta ao *quiz* e a interação mais direta com outros usuários (o que poderia incluir, por exemplo, uma entrevista), estariam presentes, o que proporcionaria uma experiência cultural mais ampla e completa. Considerando, então, que os postulados da etnografia não foram seguidos integralmente durante a investigação de Azevedo (2022), compreendemos que há outras possibilidades de aplicação da epistemologia etnográfica aos estudos linguísticos, sem que a pesquisa assuma todos os traços da etnografia.

Mesmo assim, destacamos que a imersão no ambiente de pesquisa, prática originária dos estudos etnográficos, é de grande valor para os estudos do hipertexto, dos gêneros emergentes e, conseqüentemente, do letramento digital, que é desenvolvido ao longo do processo de pesquisa. Nesse sentido, defendemos que, em pesquisas futuras, a adoção de outros passos da etnografia poderia nos ajudar a compreender, com mais detalhes, os fenômenos de linguagem estudados, uma vez que, como vimos nas pesquisas de Araujo (2006, 2007) e Castro (2015), a imersão no contexto investigado proporciona a experiência de aprender a usar a linguagem tal qual os membros daquele grupo.

Considerações finais

O objetivo deste artigo foi discutir a adoção da etnografia em estudos linguísticos voltados às produções de linguagem que ocorrem em ambientes virtuais. Para isso, apresentamos discussões teóricas sobre a etnografia e suas aplicações aos ambientes on-line — que levam alguns autores a particularizá-la como *etnografia virtual* ou *netnografia* — e sobre conceitos da linguística voltados às práticas de linguagem on-line — hipertexto, gêneros emergentes/digitais e letramento digital.

Tais discussões serviram de embasamento para comentarmos sobre estudos da área de linguagens que adotaram a epistemologia e a metodologia etnográfica na observação de comunidades on-line. O estudo desses trabalhos mostrou que, a depender dos objetivos do trabalho (FRAGOSO; AMARAL; RECUERO, 2011), a etnografia pode subsidiar pesquisas linguísticas busquem um aprofundamento nas práticas de linguagem executadas em comunidades on-line, o que envolve estudos sobre hipertexto, gêneros emergentes/digitais e letramento digital. Ressaltamos, por fim, que essa imersão em diferentes comunidades on-line

leva ao desenvolvimento do letramento digital dos pesquisadores, que passam a compreender e usar a linguagem de acordo com normas específicas daquele ambiente e, ainda, daquele grupo em particular.

Referências

ARAÚJO, J. C. **Os chats**: uma constelação de gêneros na internet. 2006. 341f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006

ARAÚJO, J. C. “Kd a roupinha do nick?”: Brincando de vestir identidades no *chat* aberto. In: COSTA, M. F. V.; COLAÇO, V. F. R.; COSTA, N. B. (Orgs.). **Modos de Brincar, Lembrar e Dizer**: discursividade e subjetivação. Fortaleza: Edições UFC, 2007.

AZEVEDO, A. C. O. **O gênero tweet e a (hiper)textualização de objetos de ensino-aprendizagem**. 2022. 202f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2022.

AZEVEDO, A. C. O.; GUERRA, F. S.; PEREIRA, M. H. M. (Re)visitando conceitos de hipertexto: uma análise de textos digitais. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, ano 27, n. 81, supl., p. 2265-2281, set./dez. 2021. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/1038>. Acesso em: 2 fev. 2022.

CASTRO, C. H. S. **As culturas do grupo Texto livre**: um estudo de viés etnográfico sob a ótica da complexidade. 2015. 303f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

COSTA VAL, M. G. Texto, textualidade e textualização. In: CECCANTINI, J. L.; PEREIRA, R. F.; ZANCHETTA JUNIOR, J. (Orgs.). **Pedagogia Cidadã**: cadernos de formação: Língua Portuguesa. São Paulo: UNESP, 2004. p. 1-22.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

HINE, C. **Virtual ethnography**. Londres: SEGE, 2000.

KOZINETS, R. V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Tradução de Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2014.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: XAVIER, A. C.; MARCUSCHI, L. A. (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 15-80.

PAIVA, V. L. M. O. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

POLIVANOV, B. Etnografia Virtual, Netnografia ou Apenas Etnografia? Implicações dos Termos em Pesquisas Qualitativas na Internet. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2013, 36, Manaus. **Anais...** Manaus: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2013. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0346-1.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2021.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: Letramento na cibercultura. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/zG4cBvLkSZfcZnXfZGLzsXb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 jan. 2021.

XAVIER, A. C. **Hipertexto na sociedade da informação**: a constituição do modo de enunciação digital. 2002. 214f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

XAVIER, A. C. Desafio do hipertexto e estratégias de sobrevivência do sujeito contemporâneo. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 13, n. 2, p. 73-90, dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1302>. Acesso em: 10 ago. 2020.

Sobre as autoras

Ana Claudia Oliveira Azevedo (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-8729-6515>)
Doutoranda e mestra em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Licenciada em Letras Modernas (Português, Inglês e respectivas literaturas) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos da Linguagem (GPEL/UESB).

Márcia Helena de Melo Pereira (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-3663-3462>)
Doutora e mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atualmente, é professora titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (DELL), campus de Vitória da Conquista, onde atua na graduação em Letras (Modernas e Vernáculas) e no quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin/UESB). É pesquisadora dos seguintes grupos de pesquisa: Grupo de Pesquisa em Estudos da Linguagem (GPEL/UESB), Grupo O Círculo de Bakhtin em diálogo (UEPB) e Grupo de Estudos Bakhtinianos (GEB/Unesp Assis). É membro do GT de Linguística de Texto e Análise da Conversação da ANPOLL.

Recebido em agosto de 2022.

Aprovado em dezembro de 2022.